

## **A beleza representada em três gêneros fílmicos sobre o nazismo: Arquitetura da destruição (Peter Cohen), O grande ditador (Charlie Chaplin) e O pianista (Roman Polanski).**

Eduardo Yuji Yamamoto<sup>1</sup>

Pamela ANDRADE<sup>2</sup>

Universidade Estadual do Centro Oeste, Guarapuava, PR

### **RESUMO**

O objetivo deste trabalho é identificar a representação da beleza em três gêneros fílmicos: O Grande Ditador (1940), de Charles Chaplin; Arquitetura da Destruição (1992), de Peter Cohen; e O Pianista (2002), de Roman Polanski. O trabalho observa que, a partir de três filmes diferentes, de gêneros igualmente distintos (uma comédia, um documentário e um drama), se possa existir versões diferentes sobre a beleza. Essa, mesmo quando aprisionada e restringida por um sistema político totalitário, encontra formas de oposição e resistência. Pois em um período histórico truculento como a Segunda Guerra Mundial, mais precisamente o nazismo, pode-se encontrar beleza não no exclusivismo de um padrão que extermina o outro, mas em seu acolhimento, em uma existência e fruição comum. A metodologia aqui adotada é a análise comparativa dos filmes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cinema. Estética Comunitária. Nazismo. Vinculação.

### **1 INTRODUÇÃO**

A Segunda Guerra Mundial hoje é tema de pesquisas de diferentes áreas, estando o nazismo no centro das atenções da maioria destes trabalhos, isso se deve principalmente às ações tomadas pelo regime totalitário, em que milhares de pessoas foram exterminadas, por se acreditar que eram de raça inferior. O sonho nazista era criar um mundo mais belo, de raça ariana pura, através do sacrifício e erradicação destas pessoas para, dessa forma, embelezar o mundo. A presente pesquisa pretendeu refletir sobre o papel da beleza neste regime político, tendo como base três gêneros fílmicos diferentes sobre o tema: o documentário Arquitetura da Destruição (Peter Cohen), a comédia O Grande Ditador (Charlie Chaplin) e o drama O Pianista (Roman Polanski). Apesar de todos tratarem do nazismo, cada um nos apresenta a beleza de forma diferente em seu interior. No filme dirigido e interpretado por Chaplin, a beleza nazista é criticada através do humor (por exemplo, a cena onde ele dança e “estoura” o mundo). No filme de Polanski, a beleza da música é o que aproxima o capitão da SS, Wilm Hosenfeld, do judeu-pianista Szpilman, evitando a morte do pianista. Já o documentário de Peter Cohen, nos traz a arquitetura do regime nazista, mostrando como a arte foi usada para fins ideológico-políticos.

---

<sup>1</sup> Professor orientador, Universidade Estadual do Centro-Oeste, email: [yujieduardo@gmail.com](mailto:yujieduardo@gmail.com)

<sup>2</sup> Aluna bolsista de Iniciação Científica do programa PIBIC e acadêmica do 4º ano de Jornalismo da Universidade Estadual do Centro-Oeste, email: [pamelamariaandrade@hotmail.com](mailto:pamelamariaandrade@hotmail.com)

## 2 OBJETIVOS

Com o objetivo de identificar nos três filmes diferentes formas de representação da beleza, partimos das seguintes problemáticas: o nazismo produziu uma concepção estética exclusivista? A experiência estética é uma forma de comunicação com o outro? O humor, além de ser uma crítica à estética nazista, possui um caráter vinculativo? Fora do sistema político totalitário, existem outras formas de experiência estética?

## 3 METODOLOGIA

Segue-se aqui um estudo comparativo dos três filmes. Estes foram analisados tendo como delineador a dimensão comunicacional da experiência estética, isto é, como forma de aproximação e não exclusão do outro. Este conceito é defendido por Leal, Mendonça e Guimarães (2010, p.10) que nos diz que a experiência estética, como manifestação ou contato com a beleza, apresenta-se “no diálogo com o outro, na presunção de um horizonte vinculante de sentido, no qual a suposta privacidade da fruição estética se torna experiência compartilhada”.

## 4 GÊNEROS FÍLMICOS: DOCUMENTÁRIO, DRAMA E COMÉDIA

O documentário caracteriza-se pelo levantamento, investigação e análise da realidade. Embora o trabalho documental pretenda um aprofundamento acerca de um determinado problema, buscando formas de tratamento imparcial e objetivo, é comum não apresentar tal realidade inteiramente, mas enquanto representação parcial e subjetiva, ou seja, não deixa de ser poético, carregando em si as impressões do diretor.

O documentário nos leva a uma experiência única, com os sons e imagens organizados de tal forma que representa mais do que simples impressões passageiras. Passa a representar conceitos abstratos, e de acordo com a bagagem cultural do espectador se terá um determinado ponto de vista que pode ser ou não o que se quis expor. (NICHOLS, 2012, p. 98)

O gênero drama busca retratar e refletir sobre o comportamento, ações e paixões humanas, apresentando com seriedade os fatos. Os enredos dos filmes se baseiam principalmente nos sentimentos e conflitos que são vivenciados pelas pessoas. Mas não apresenta a realidade assim como é, pois pode ser imaginada ou até mesmo baseada em

fatos reais, mas vai ser sempre uma representação fictícia do ocorrido. Para Luiz Nogueira (2010, p. 23):

Esta atenção ao prosaico tende, por isso, a aproximar o drama de um registo objetivo e analítico, ainda que, frequentemente, crítico, procurando efeitos de realismo, de reflexão e de problematização acerca da sociedade e das suas normas e valores, bem como acerca do lugar do indivíduo, das suas errâncias ou das suas tensões.

Por fim a comédia. Ela surgiu juntamente com o teatro e a tragédia grega. A tragédia falava sobre deuses e heróis, era considerada o gênero mais nobre. Este gênero, inicialmente, falava sobre os homens inferiores, pessoas comuns da polis. Desde esta época era muito ligada a sátiras, principalmente políticas.

Com o advento do cinema no século XIX, a comédia ganha um grande espaço nos filmes. Hoje é considerada importante forma de crítica nos âmbitos sociais, políticos e econômicos. A comédia é “uma das formas principais do drama, que enfatiza a crítica e a correção através da deformação e do ridículo. O efeito principal é provocar o riso” (VASCONCELOS, 1987, p. 46).

## **5 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTÉTICA**

Para as finalidades deste trabalho utilizou-se o conceito de beleza estética, e não beleza artística (voltada apenas à contemplação de obras de arte). Denis Huisman (1994) define que a Filosofia da Arte designa, originalmente, a sensibilidade (etimologicamente *aisthesis* quer dizer, em grego, sensibilidade) como tendo o duplo significado de conhecimento sensível (percepção) e de aspecto sensível da nossa afetividade sendo, neste caso, fundamental, a abertura à experiência, a vinculação. Voltando ao conceito definido por Leal, Mendonça e Guimarães (2010, p. 10), eles nos dizem:

O núcleo dos problemas da estética não é assim derivado da artisticidade das manifestações, mas liga-se aos efeitos sensíveis de várias ordens, todos eles de um modo ou de outro, derivados das faculdades comunicacionais de produtos e obras. Afetos e percepções, não são assumidos aqui como puras paixões, mas adquirem uma forma, que se engendra na interação entre subjetividades, no diálogo com o outro, na presunção de um horizonte vinculante de sentido, no qual a suposta privacidade da fruição estética se torna experiência compartilhada

Entendemos, portanto, que a experiência estética não é, necessariamente, a obra de arte, mas relaciona-se com a comunicação que se dá quando esta experiência é partilhada e

não exclui a interação entre os indivíduos. Leal Mendonça e Guimarães, comentando a interpretação de Zask sobre Dewey (2003), observa que a interação é originada do encontro entre o sujeito e o seu meio, ou seja, o conjunto dos objetos e os indivíduos a sua volta:

[...] a experiência aparece assim como o ponto de encontro em torno do qual as características do meio e os traços do ser vivo podem ser redistribuídos [...] esta forma de interferência transformadora entre interior e exterior, entre organismo e ambiente – entre o indivíduo e a sociedade, onde o dualismo é completamente suprimido (Zask apud Leal, Mendonça e Guimarães, 2003, p.17)

Este encontro seria a relação entre sujeitos, ou seja, a comunicação que se dá entre eles, e a forma como essa comunicação proporciona e provoca a experiência. Esta experiência só é transformadora quando existe a interação. Isso transmite um sentimento de ligação entre estes indivíduos. Portanto a estética aproxima e suscita vinculação com o próximo, e não é individualista causando opressão e rebaixamento do outro.

## **5 ARQUITETURA DA DESTRUIÇÃO (1992)**

O documentário nos traz um pouco da história por trás do nazismo, como a tentativa de Hitler de seguir a vida artística fracassada. Cohen nos descreve as três do Führer: Linz, que era sua cidade natal, a antiguidade greco-romana e Wagner.

O filme mostra as diversas exposições de arte realizadas para disseminar os ideais de eugenia e de arte degenerada. As obras possuíam, como o autor mostra, caráter higiênico, pois eram comparadas e ligadas a sinais de doença mental de seus criadores, que passaram a ser perseguidos.

O diretor mostra as projeções de Hitler, com seus planos arquitetônicos para a nova Berlim e a nova Alemanha, que deveria ser como fora a Roma antiga. Com o passar do tempo Hitler passou a usar o conceito de arte degenerada para o extermínio de judeus, deficientes, doentes, entre outros considerados degenerados.

### **5.1 A BELEZA UTILIZADA COMO FORMA DE OPRESSÃO**

Arquitetura da Destruição mostra a exclusão da dimensão comunicacional da estética tratada acima por Leal, Mendonça e Guimarães, como aquela que aproxima e que cria diálogo com o próximo. Esta exclusão ocorre, justamente pela opressão e individualização nazista. A ambição de Hitler era criar, através da pureza da raça ariana e do sacrifício de quem não se encaixasse nesse termo, um mundo mais harmônico, pois ele

acreditava na arte como forma de superioridade de uma raça. “Purificada e preservada da decadência, uma nova Alemanha surgiria, mais forte e mais bonita do que jamais foi”.

O documentário retrata que antes e durante a Segunda Guerra, foram realizadas várias exposições intituladas: Grande Exposição de Arte Alemã, cujo objetivo era apresentar “a nova e genuína arte alemã”. Essas exposições eram de artistas clássicos. As esculturas eram baseadas principalmente na arte greco romana, com seu perfil de perfeição. Muitas delas foram realizadas com obras saqueadas durante a guerra. Em contraposição, eram feitas exposições com a arte moderna, para depreciar e renegar a degeneração. Diz o narrador do documentário: “A ofensiva contra a arte moderna tinha caráter higiênico. Segundo eles [nazistas] as obras dos artistas modernos [judeus] mostravam sinais de doença mental de seus criadores”.



Exposição da Arte Degenerada



Grande Exposição da Arte Alemã

A arte começou a ser utilizada como desculpa para o extermínio de pessoas. Paul Schultze-Naumberg fez palestras pela Alemanha a partir de 1931, exibindo slides com fotos de casos de pessoas com deformações e comparando-as com a arte moderna. “Para ele [Schultze-Naumberg] a arte é espelho de saúde racial”. Em 14 de julho de 1933, uma nova lei sancionada incita a esterilização do doente, devido à hereditariedade.

Hitler acreditava que a erradicação da raça degenerada era necessária para se criar o novo homem. Tal pensamento levou ao caminho do uso de programas de eutanásia. O monóxido de carbono, as câmeras de gás, os furgões, os campos de concentração, tiveram uma missão de limpeza. “A matança era uma missão biológica, um tributo sagrado ao sangue puro. As fábricas de morte faziam saneamento antropológico. Eram os instrumentos de embelezamento do mundo”.

Estes instrumentos eram utilizados como forma de opressão e não de vinculação. No documentário observa-se ausência do diálogo com o outro, a experiência estética é privada, não tendo o sentido da interação das emoções e a presença de alteridades.

## **5.2 O GRANDE DITADOR (1940)**

O cineasta Charles Chaplin, famoso por seus filmes mudos, surpreende com uma sátira ao governo do ditador Hitler, através de um filme cômico com diálogos. Ele dirigiu e atuou no filme fazendo simultaneamente as personagens do barbeiro e de Hynkel.

O barbeiro perde a memória durante a Primeira Guerra Mundial, em um acidente de avião, quando salva a vida de um piloto. Depois de ter ficado anos no hospital ele foge e retorna para sua casa no gueto da cidade fictícia Tomania, lá encontra um mundo totalmente diferente. Hynkel estava no poder da cidade e acreditava numa nação de raça ariana pura, livre de todo judeu. O barbeiro, um judeu, que não fazia a menor ideia do que estava acontecendo, gera, neste contexto, muitas confusões. Porém, o piloto que ele salvou durante a Primeira Guerra, tornou-se comandante do exército alemão e o liberta.

Ao fugir da prisão, o barbeiro acaba se passando por Hynkel, já que ambas as personagens tinham a mesma aparência física. Ele, então, segue para discursar sobre a invasão de Osterlich, plano que o ditador estava tramando desde o começo, mas, para surpresa de todos, o seu discurso versa sobre o amor ao próximo e à união, liberdade que ele desejara sempre a seu povo.

### **5.2.1 BELEZA, COMÉDIA E CRÍTICA AO REGIME NAZISTA**

Em o Grande Ditador, encontramos uma crítica à estética exclusivista tratada no documentário Arquitetura da Destruição. Notamos isso na cena em que Hynkel brinca (dança) com o mundo, até que estoura com suas manipulações, mostrando o homem que queria o mundo em suas mãos para impor seus ideais de eugenia, ideais estes baseados nos seus anseios artísticos, uma arte que aprisionava e restringia a experiência estética. Esta cena exhibe justamente o contrário do que essa arte propunha, mostrando que a experiência

não pode ser apoderada e enclausurada, pois não há estética sem a abertura necessária ao outro.



Dança com o mundo

Outra cena importante é a do discurso final onde se apresenta a estética como manifestação comunicacional, ou seja, o diálogo com o outro, falando sobre essa aproximação que se dá a partir do momento em que há comunicação, portanto experiência estética. O barbeiro judeu se passando por Hykel surpreende a todos discursando sobre amor e esperança, criticando não só o nazismo como qualquer outra forma de vida que propõe o seu aprisionamento por um padrão estético.



O discurso final

Sinto muito, mas não pretendo ser imperador. Não é esse o meu ofício. Não pretendo governar ou conquistar quem quer que seja. Gostaria de ajudar a todos: judeus, gentios, negros e brancos. Todos nós desejamos ajudar uns aos outros. Os seres humanos são assim. Desejamos viver para a felicidade do próximo – não para o seu

infortúnio. Por que havemos de odiar e desprezar uns aos outros? Neste mundo há espaço para todos. A terra, que é boa e rica, pode prover a todas as nossas necessidades. O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos. A cobiça envenenou a alma dos homens, levantou no mundo as muralhas do ódio e, tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios [...].

O Grande Ditador, como gênero humorístico, através de belas cenas, traz uma crítica social ao modo de embelezamento do mundo do nazismo, mesmo nos primeiros anos deste regime, quando ainda não era revelado o programa de eugenia de Hitler. Podemos fazer uma reflexão sobre duas estéticas: uma que aprisiona e outra que liberta; ou uma que exclui o outro, e outra que aproxima. Ou ainda, uma estética individualista, e a outra dialogista. Notamos claramente essa diferença através da crítica humorística do filme. Em diálogos entre as personagens, podemos entender que a experiência não pode ser restringida, mas deve, e só acontece, quando compartilhada. Um exemplo é a fala de Hannah para o barbeiro “Olha para aquela estrela. É linda. Apesar de todo o seu poder o Hynkel não pode a atingir”. Entendemos que, apesar das conquistas do ditador, a beleza está muito acima dele, de forma que nem ele (nem nenhum outro ditador) pode controlá-la.

### **5.3 O PIANISTA (2002)**

O filme de Roman Polanski foi baseado no romance e história do pianista polonês e judeu, Wladyslaw Szpilman, retrata como foi sua vida durante o período da Segunda Guerra Mundial. Ele trabalhava em uma rádio de Varsóvia tocando músicas de compositores clássicos, como Beethoven. Depois da invasão alemã a rádio foi bombardeada e boa parte de sua instalação foi destruída, deixando de funcionar.

Com o tempo os judeus passaram a morar no Gueto, cercado por muro que os separava da cidade. Judeus das áreas vizinhas também foram levados ao local, onde a maioria morria de fome ou doenças, devido à insalubridade destes espaços.

Os judeus passaram a ser transportados para os campos de concentração. Quando ele e sua família estavam entrando no trem rumo ao extermínio, um policial judeu o ajuda a escapar, porém, sua família não teve o mesmo destino.

Depois de idas e voltas, o pianista encontra abrigo em uma casa no meio das ruínas da cidade. Mas mal sabia ele, que era onde os alemães estavam instalados. Certo dia, o capitão Wim Hosenfeld o encontrou tentando abrir uma lata de mantimento. Szpilman contou-lhe que era pianista, e Hosenfeld pediu para que tocasse uma música no piano da



casa. Quando começou a tocar, o capitão alemão se emocionou e passou a ajudar o judeu a se esconder até o fim da guerra.

### 5.3.1 MÚSICA VINCULANTE

Em *O Pianista*, o encontro de Szpilman (judeu) com o comandante Wim Hosenfeld, em uma casa em meio aos escombros do bombardeio, apresenta uma experiência semelhante, a vinculação, ou seja, a comunicação que não aprisiona o outro num modo exclusivo de beleza, mas sim o liberta.

Ao saber o que Szpilman fazia antes da guerra, o comandante pediu para que tocasse o piano da casa. Szpilman (2014 p.172) recorda:

Comecei a tocar o Noturno em dó menor, de Chopin. O titilante som diáfano do piano repercutia nas paredes vazias do apartamento e da escadaria, ecoando abafado e melancólico entre as ruínas das casinhas do outro lado da rua

Aqui, a música faz coincidir o objeto artístico com a experiência estética de aproximação entre judeu e alemão.



O pianista tocando para o comandante



Emoção do comandante ao ouvir o pianista

Mesmo durante os momentos mais difíceis o pianista encontrou na música uma forma de salvação e libertação daquilo que ocorria a sua volta. Hegel (1996, p. 36) observa que a estética nos permite tomar consciência do ser, do que somos e que nisso “reside a ação suavizante da arte, que assim põe o homem perante os instintos como se estes lhe fossem exteriores, e lhe confere, portanto, uma certa liberdade. Desde ponto de vista a arte é libertadora.”

## 6 CONCLUSÃO

Os três filmes abordados nos mostram representações de beleza diferentes. Em *Arquitetura da Destruição*, pudemos entender melhor o sonho de embelezamento do mundo do ditador, onde o genocídio ganhou caráter de higienização e a arte foi usada como forma de opressão e aprisionamento estético, isto é, restringida somente àqueles que se encaixavam nos conceitos de belo de Hitler.

No filme *O Pianista* encontramos uma beleza que não extermina o outro, mas que o acolhe, onde há lugar para uma fruição comum, a com-vivência, mostrando que a arte está além do ódio por uma raça, e muito além das ideias de eugenia de um regime político. Nem Hitler, nem qualquer outro que venha a usar da arte como forma de opressão, poderá desfigurar o seu efeito.

Em *O Grande Ditador* identificamos a beleza representada de duas principais formas: como crítica à estética exclusivista nazista, na cena em que Hynkel brinca com o globo, e pela estética vinculante de sentido, a aproximação e diálogo com o outro para que não haja a supressão do vínculo para com os demais, observada na cena do discurso final.

O governo do Terceiro Reich nada mais foi do que uma imaginação desenfreada que teve consequências irreparáveis e custou milhões de vidas, apenas por ideais e conhecimento deturpado da arte.

## REFERÊNCIAS

ARCHITECTURE of doom. Direção: Peter Cohen. Suécia, 1992, 121min: son., color. Legendado. Port.

HEGEL, Georg W. F. **Estética**: a ideia e o ideal, estética: o belo artístico ou o ideal. São Paulo: Nova Cultura, 1996.

HUISMAN, Denis. **A estética**. Lisboa Edições 70 1994.

LEAL Bruno; MENDONÇA Carlos; GUIMARÃES, César (org.). **Comunicação e Experiência Estética**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. MARTINS, Mônica Saddy. Mônica Saddy Martins. 5. ed. São Paulo: Papyrus, 2012.

NOGUEIRA, Luiz. **Gêneros Cinematográficos**. Livros LabCom 2010. Disponível em: acesso por último em 29 de dez de 2015

SZPILMAN, Wladislaw. O Pianista. Edições BestBolso, 2014.

THE GREAT DICTATOR. Direção: Charles Chaplin. Estados Unidos da América, 1940, 124 min: son. color. Legendado. Port.

THE PIANIST. Direção: Roman Polanski. França; Alemanha; Reino Unido; Polônia, 2002, 150 min: son., color. Legendado. Port.